

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15460 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

CARTOGRAFIA DOS CASTIGOS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇA DO SÉCULO XX: A LITERATURA COMO FONTE

Laura Maria Silva Araújo Alves - UFPA - Universidade Federal do Pará

CARTOGRAFIA DOS CASTIGOS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇA DO SÉCULO XX: A LITERATURA COMO FONTE

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento sobre a Cartografia da Cultura Material da Infância nos séculos XIX e XX. Realizamos um mapeamento dos tipos de castigos corporais e dos artefatos que eram utilizados para a prática dos castigos corporais na infância. As punições e disciplinamentos utilizados na educação infantil vêm desde o período da colônia como práticas que se disseminaram no educação da infância desde a chegada dos Jesuítas. Metodologicamente utilizamos como fontes obras romanescas. Entendemos que o texto literário é uma fonte documental carregada de narrativas sobre as práticas de castigos como forma de educar a criança. Os resultados preliminares apontam que era recorrente no século XX, de um lado, a violência física para disciplinar crianças e assim estabeleceram o controle de mentes e corpos, e de outro lado, a violência psicológica estabelecendo um nível de constrangimento na criança. Enfim, constatamos uma pedagogia autoritária que legitimava a prática dos castigos tanto no ambiente escolar como familiar da criança. Por meio da literatura foi possível mapear práticas educativas disciplinadoras, controladoras e punitivas que constituíram a história da educação e da infância no Brasil.

Palavras-chave: castigo corporal, criança, disciplina, escola, família.

INTRODUÇÃO

A violência, os castigos corporais e o disciplinamento com crianças são práticas recorrentes na educação da criança. Os casos noticiados pela mídia nos últimos anos têm revelado que essa prática acompanha a história da infância no Brasil. São situações de crianças enfrentando a violência praticados por familiares, mesmo com o avanço de políticas de proteção à infância no Brasil.

Ao longo da nossa história da educação e da infância as práticas de violência e castigos corporais se configuraram como normais para controlar e disciplinar a criança tanto no ambiente escolar quanto no ambiente familiar. Ao longo da história da infância é possível constatar que havia a legitimação dessa prática por pais e educadores, que viam pelo sofrimento a única forma de fazer a criança mudar comportamentos inadequados. (Freyre, 2001).

No contexto familiar, o castigo corporal é um ato realizado pela mãe ou pelo pai ou responsável com o objetivo de causar dor, desconforto físico e principalmente constrangimento à criança. Havia a égide de que pelo castigo corporal era possível corrigir o comportamento considerado inadequado da criança e impedir que ele se repita. As formas de castigos corporais variam entre as culturas, sobretudo os modos imperativos da prática do

castigo como também os artefatos utilizados. A punição corporal, enquanto prática familiar pode fortalecer-se a partir da aceitação “ingênua” da afirmação de que *uma palmadinha no bumbum não faz mal e é até necessária para a educação da criança*.

Do Brasil Colônia à República, da região norte ao sul, historicamente a criança sofreu com surras, espancamentos e diversas outras formas de punições físicas aplicadas de forma natural no interior da instituição escolar e familiar (Del Piore, 1996). O objetivo deste trabalho é mapear e analisar os tipos de castigos corporais e o uso de artefatos de punição contidos na prática educativa e disciplinar da infância. Para explorar o objeto de estudo, partimos dos seguintes questionamentos: Quais práticas de castigos corporais estavam inseridas no âmbito familiar e escolar da criança nos século XX? Que artefatos de suplício eram usados no ato de disciplinar e educar meninos e meninas no cotidiano educativo?

METODOLOGIA

Para representar como a violência, os castigos corporais e o disciplinamento foram amplamente utilizados na educação da criança no século XIX e XX, buscamos a literatura brasileira e regional como fonte documental em que a narrativa literária tanto nos gêneros romances, contos e crônicas há materializados a cultura da violência em ambiente escolar e familiar. Entendemos a obra literária como um documento histórico, uma vez que o autor-escritor consegue produzir textos ficcionais a partir de singulares re(a)apresentações da realidade de outra época, inclusive a realidade infantil (GOUVÊA, 2007, p. 2).

Metodologicamente utilizamos os romances e contos de Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, José Lins do Rêgo, Viriato Corrêa, Graciliano Ramos e Lindanor Celina. Os escritores formulam no seu conjunto literário um discurso narrativo sobre as diversas práticas disciplinares de controle comportamental no âmbito familiar e escolar. Como fundamentação teórica utilizamos Freyre (2001), Del Priore (1996), Gouvêa (2007) e Guerra (2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O castigo físico imposto a crianças como método de ensino foi migrado no século XVI para o Brasil pelas mãos dos padres jesuítas. Contrário a esse modelo de educação, a população indígena não aceitava a prática, exatamente porque desconheciam o ato de castigar, espancar, maltratar crianças.

Castigo corporal é ato realizado pela mãe, pai, professores ou responsável na intenção de estabelecer o disciplinamento e de corrigir os comportamentos inadequados da criança. São muitos os tipos de castigos sofridos pelas crianças: palmada, tapa, ficar de joelhos, socar, esmurrar, puxão de orelha, ficar de joelhos, chibatada, puxão de cabelo, beliscar, ajoelhar em cima de objetos duros (grão de arroz ou milho, pedras) etc. Esses castigos são aplicados em muitas formas ao corpo da criança – na mão, no rosto, nas nádegas e na cabeça. E em muitos casos havia o uso de um instrumento: pedaço de pau, cinto, vara, vassoura, chinelo, escova de cabelo, raquete, arame, cinto, rolo de macarrão, fio de extensão, mangueira de borracha,

colher de pau, galho de árvore etc. O castigo corporal era uma prática culturalmente usada para punir, corrigir e educar a criança.

Na nossa literatura brasileira encontramos muitos discursos narrativas que retratam como nossas crianças padeciam da violência que se materializava no seu cotidiano. No romance *A menina que vem de Itaiara*, Lindanor Celina, protagonista Irene narra a sua infância com surra de ficar lanhada. D. Adélia, assim como outras mães da época, priorizavam nas relações familiares o castigo físico como uma mediada corretiva e uma maneira mais eficiente de se impor diante dos filhos. Dizia D. Adélia: *“Ninguém nesta terra me tratará como mãe molenga”* (Celina, 1994, p. 42). Na residência de Irene, os atos de agressão e espancamento contra a criança eram frequentes, o que tornava aquele ambiente repressivo, marcado pela violência doméstica. Certa vez, a mãe de Irene deu-lhe uma tamancada que lhe atirei em riba do olho que por um triz não a cegava”. (Celina, 1994, p. 42). D. Adélia explica como o castigo com o uso violento do tamanco quase se transformou em uma tragédia: *“Surrei-a até num aniversário, completou os anos debaixo de tamancada. As amigas chegaram pra jantar, ela com o olho negro empapuçado”* (Celina, 1994, p. 43). Em razão da violência praticada, D. Adélia achou que tinha aleijado a filha.

Em *Menino do Engenho* do romancista José Lins do Rêgo, o menino Carlinhos é enviado para o engenho Santa Rosa, na Paraíba, para ser criado pelo avô e pelos tios. A obra retrata as práticas de castigos corporais que o Carlos sofrera da tia Sinházinha, irmã de sua avó, que tinha um comportamento esquisito e turbulento. Carlos relata sua primeira impressão da tia *com aquele rosto enrugado e aquela voz áspera, senti que qualquer coisa de ruim se aproximava de mim.* (Rêgo, 1972, p. 14-15).

A tia-velha Sinházinha dava-lhe beliscões e cocorotes, além de trancar na despensa as frutas, a tia-velha andava com a chave do guarda-comidas no cós da saia, para controlar as gulodices da criança. Certo dia o menino jogando pião na calçada, o brinquedo foi cair em cima do se pé da tia-velha. Ela levantou-se com uma fúria para cima do menino, e com o se chinelo de couro encheu-lhe o corpo de palmadas terríveis. Para uma das tias chamada Maria comentou o fato de que *Menino só endireita com chinela!* (Rêgo, 1972, p. 23).

Em *Doidinho* do romancista José Lins do Rêgo, o garoto Carlos de 12 anos é exposto à cruel pedagogia da violência usada nas escolas. Entre os colegas de internato, ganha o apelido de Doidinho devido ao extremo nervosismo, impaciência, pressa, ansiedade, e um pouco de depressão que o fazia chorar à toa. Maciel, diretor e professor do colégio, lhe ridiculariza em frente os demais colegas, lendo para todos uma carta de amor escrita pelo Doidinho para a amada Maria Luisa. O castigo ainda é maior quando leva seis "bolos" nas mãos com a palmatória e fica durante a tarde toda em cima da cadeira virado de costas para a menina (Rêgo, 1980).

No livro *Memórias de um Sargento de Melícias*, de Manuel Antônio de Almeida, o menino Leonardo, briguento e travesso, narra sua entrada para a escola com castigos. Aborda

a importância da palmatória e nos conta como o novo e endiabrado aluno leva bolos de manhã e à tarde (Almeida, 1996).

No romance *Ateneu*, Raul Pompéia apresenta de modo detalhado e circunstanciado vários aspectos do universo escolar do menino Sérgio. O desencanto e a pasmação são vistos assim: “O tédio é a grande enfermidade da escola, o tédio corruptor que tanto se pode gerar da monotomia do trabalho, como da ociosidade” (Pompéia, 1981, p. 113). O diretor do internato Sr. Aristarco é mostrado como o professor munido de uma autoridade quase sagrada. O relato da cerimônia do beija-mão evidencia e confirma do autoritarismo do professor.

O protagonista do romance, Cazuzza de Viriato Corrêa, o menino Cazuzza narra às amargas experiências escolares. O professor passeava pela sala de mãos para trás, vigiando-os através dos óculos pretos, com ar terrível de quem está com vontade de encontrar um pretexto para castigar”, conta Cazuzza. Ele costumava segurar os alunos pelas orelhas e fazer vibrar a régua em suas cabeças. Para os alunos, a sala feia tinha um ar de tristeza, o ar de prisão (Viriato, 1983).

No cotidiano da escola de Cazuzza a sabatina da tabuada era uma prática que causava grande pavor nos alunos. Elas ofereciam as mãos para que o professor batesse nelas com a palmatória. O professor João Ricardo organizava os alunos em fila e, ia formulando perguntas que deveriam ser imediatamente respondidas. A palmatória era denominada de danada, tirana, malvada e bandida.

Muitas crianças como Cazuzza “ganham bolos” e não continuam o choro diante da dor física e do sentimento de constrangimento em sala de aula. Num certo dia de tanto apanhar na escola, suas mãos encheram-se de bolhas de sangue, Cazuzza atira-se soluçando nos braços da mãe que, demonstra sua indignação. Na varanda da Casa Grande, os parentes do menino travam um debate sobre o ocorrido. Eles demonstram claramente a maneira de pensar sobre a prática dos castigos corporais no início do século XX. O pai de Cazuzza reprova terminantemente esse castigo. Já a mãe de Cazuzza pondera, e mesmo achando a necessidade do uso da palmatória na escola considera que os professores não deveriam ser tão severos e violentos. Já o tio Olavo reafirma num tom de voz exaltada que os professores têm sim o direito de usar o castigo, pois eles merecem sempre bordoadas. O professor nunca é injusto. Para a ele bordoadas nunca fazem mal à criança (Viriato, 1983, p. 68).

Na obra *Infância* de Graciliano Ramos, ele traz à tona lembranças dolorosas de infância com práticas punitivas com cascudos, bolos de palmatória, puxões de orelhas e castigos de toda sorte. No conto *O Cinturão*, Graciliano Ramos descreve que aos quatro ou cinco anos os castigos que recebia da mãe eram carregados de violência e que havia reprovação da sua avó. Certa vez a mãe surrou-lhe com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. (Ramos, 2008, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que por muitos anos o castigo e a punição eram artifícios muito usados por professores em todo o país. A formação educacional da criança brasileira passa pela violência explícita ou implícita desde o período colonial. Combater essa prática cultural é um grande desafio para todos nós. As mortes de crianças por violência física estão longe de desaparecer dos nossos noticiários.

Indubitavelmente, a disciplina, o controle de mentes e corpos impostas às crianças na virada do século XIX para o XX. Nas escolas a prática dos castigos corporais era efetivada por meio da palmatória, instrumento de castigo com o qual o professor batia na palma da mão dos alunos. Dependendo da gravidade do erro do aluno a quantidade de palmadas dependia do juízo do professor. O castigo físico noutras vezes dava-se pela prática recorrente de puxar orelha do alunos e colocá-lo de joelhos sobre grãos de milho, ou ainda, de mandá-lo para frente da classe, voltado para a parede e com os braços abertos e com orelha de burro ou com um saco na cabeça.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. Memórias de um Sargento de Milícias. 25. Ed. São Paulo: Ática, 1996.

CELINA, L. Menina Que Vem de Itaiara. 3 ed. Belém, Cejup, 1994.

CORRÊA. Viriato. Cazuza. 31ª Ed. São Paulo. Editora Nacional, 1983.

FREYRE, G. Casa grande e senzala. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOUVÊA, M. C. A construção do “infantil” na literatura brasileira. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GUERRA. V. N. A. Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada. São Paulo: Cortez, 2005.

PRIORE, M. O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia. In M. Del Priore

(Org.), História da criança no Brasil (4ª ed., p.10-27). São Paulo: Contexto, 1996.

POMPÉIA, Raul. O Ateneu: crônicas de saudades. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

RAMOS, Graciliano. Infância. 40ª ed. Revisada, Rio de Janeiro: Record, 2008

RÊGO, José Lins do. Menino de Engenho. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972.

_____. Doidinho. 20ª Ed. In: Romances reunidos e ilustrados. Rio de Janeiro. Editora José Olympio/Brasília: INL, 1980.

